

LAJES DO PICO

Nº 33

SETEMBRO | DEZEMBRO

2007

MUNICÍPIO: GRANDES OPÇÕES 2008

**GRANDE REPAVIMENTAÇÃO
DO CONCELHO**

LIVROS:

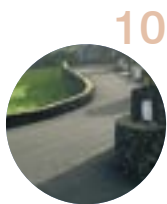
A Filarmónica Recreio dos Pastores,
de Maria de Jesus Maciel

As Famílias das Lajes,
de Norberta Amorim

A Moldura, de Conceição Maciel

CRÓNICA: João Brum

www.municipio-lajes-do-pico.pt



10



11



19

[primeiras palavras]

- 3 Trabalhar para vencer

[aconteceu]

- 4 *Portfolio*

[em movimento]

- 8 Um Natal celebrado (também) com livros

[destaque]

- 10 Grande Repavimentação do Concelho

- 11 Grandes Opções do Plano
para o Ano Financeiro de 2008

[livros e leituras]

- 19 José António Bernardo Maciel:
apresentação de *A Filarmónica Recreio dos Pastores – um percurso de sons e de memórias*, de Maria de Jesus Maciel
- 23 Maria de Jesus Maciel: apresentação
de *A Moldura*, de Conceição Maciel
- 26 Ricardo Manuel Madruga da Costa:
apresentação de *O Pico. A abordagem de uma ilha. Vol. IV – As Famílias das Lajes (1ª Parte)*, de Norberta Amorim

[crónica]

- 30 *Triptico*, por João Brum

- 31 [informações úteis]

Boletim Municipal das Lajes do Pico

www.municipio-lajes-do-pico.pt

Ano 14, Nº 33, Setembro | Dezembro de 2007

Direcção: Sara Santos

Coordenação editorial: Carlos Alberto Machado

Colaborações deste número: Fernanda Nascimento, João Brum, José António Bernardo Maciel, Maria de Jesus Maciel, Ricardo Manuel Madruga da Costa e Vanda Alves

Secretariado: Vânia Brum

Créditos fotográficos: Carlos Alberto Machado, jornal *O Dever*, Jorge Meneses, Manuel Madruga, Ruth Janssen e Vânia Brum

Foto da capa: Fernanda Nascimento

Concepção gráfica e paginação: Milideias, Comunicação Visual, Lda – Évora | Tel: 266 757 600 | E-mail: milideias@mail.telepac.pt

Impressão e acabamentos: Facsimile Offset - Publicidade | Tel: 213 829 792

Redacção: Convento de São Francisco

9930-135 LAJES DO PICO

Tel: 292 679 700 | Fax: 292 679 710 | E-mail: edicoes@municipio-lajes-do-pico.pt

Propriedade e edição: Câmara Municipal das Lajes do Pico

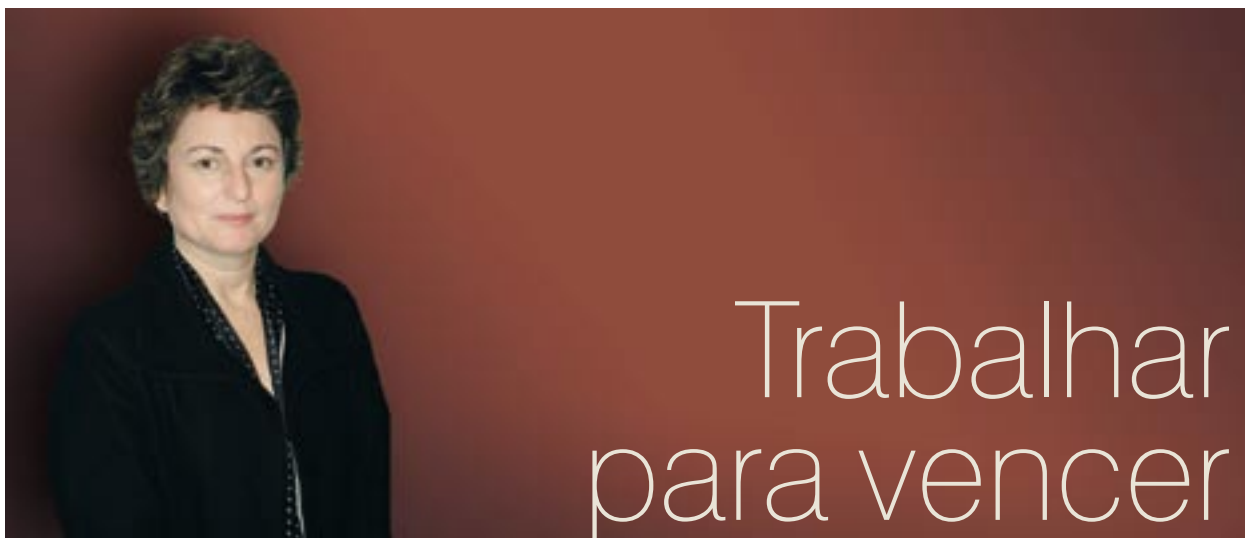
Tiragem: 1.500 exemplares

Depósito legal: 151.663/00

Distribuição gratuita

Periodicidade: bimestral (agradecemos o envio de informações até ao dia 15 de cada mês).

Correio dos Leitores: sugestões, críticas e colaborações podem ser entregues via CTT, por e-mail, para edicoes@municipio-lajes-do-pico.pt, ou pessoalmente no Gabinete da Presidência. Só se publica correspondência devidamente identificada.



A Câmara e a Assembleia Municipal aprovaram por maioria o Plano e Orçamento para o Ano de 2008. É integralmente publicado nesta edição do Boletim Municipal, como dever de informação aos munícipes – como sempre tenho praticado – e para obviar a simplificações erróneas.

Destaco alguns aspectos:

- > este Orçamento está substancialmente direccionado para a melhoria das condições de vida de todos: grande obra de repavimentação da rede viária municipal e do grande investimento no ensino e no desporto;
- > este é um Orçamento que espelha com naturalidade a nossa política de rigor financeiro e de gestão, mas simultaneamente de forte investimento no futuro;
- > neste orçamento privilegiou-se ainda mais a descentralização, nomeadamente através de grandes investimentos na ponta da Ilha;
- > com este Orçamento fica quase integralmente cumprido o plano de desenvolvimento do Concelho, em toda as áreas, que a maioria dos

- munícipes desejava e cuja concretização confiou a este Executivo;
- > este Orçamento abre portas para o desenvolvimento do Concelho na perspectiva de uma cada vez maior importância no âmbito regional;
- > a política de desenvolvimento deste Executivo tem sido e continuará a ser de estímulo e motivação de investimentos privados e públicos, como bem o demonstram as obras em curso e os investimentos já aprovados na área do turismo – nunca antes vistos no Concelho.

A CULTURPICO, Equipamentos e Projectos para o Desenvolvimento do Município das Lajes do Pico – Empresa Municipal, está a começar a dar os seus primeiros passos. Para já, gere equipamentos municipais de turismo, desporto e cultura: Forte de Santa Catarina (Posto de Turismo e Zona de Lazer), o Centro de Artes e de Ciências do Mar na antiga fábrica da baleia SIBIL e o Campo de Jogos Municipal. Entre outros, destaco as seguintes vantagens para o Município da existência e funcionamento da CULTURPICO:

- a) aumento da capacidade de investimento produtivo com redução de custos para o erário público;
- b) aumento de postos de trabalho, contribuindo assim para a fixação de jovens com formação técnica e superior no nosso Concelho;
- c) melhoria na qualidade da oferta e na gestão dos equipamentos ao serviço da população e dos fluxos turísticos.

Na nossa acção, a esperança não tem sido palavra vã:

- não propusemos fantasias
- não prometemos obras como se fossemos o Governo
- apenas contámos com os nossos meios e com o nosso trabalho:

por isso estamos a cumprir os nossos compromissos com os munícipes. •

Sara Santos
Presidente da Câmara Municipal
das Lajes do Pico

Fim de Verão, Outono, Inverno à porta: a transição fez-se sem sobressaltos. Os eventos festivos (profanos e sagrados) e culturais mantiveram a sua pujança no Concelho. Uma breve panorâmica.

Setembro é ainda mês de eventos festivos, em especial ligados às tradições e ao calendário religioso.

No fim-de-semana de 1 e 2 realizou-se na Almagreira a festa da Rainha Santa Isabel. No Sábado contou-se com missa e procissão de velas, no domingo com missa e procissão. Final de arraial com a Filarmónica Liberdade Lajense.

Na Piedade, entre 4 e 8, tiveram lugar as tradicionais Festas em Honra de Nossa Senhora da Piedade. O desporto marcou presença com a realização de um campeonato de futebol entre os dias 4 e 6. Os festejos populares e religiosos contaram com um concerto pela Filarmónica da Piedade, karaoke e



baile, missa e procissão no dia 8, a que se seguiu o tradicional arraial com Filarmónicas e a actuação da Marcha da Almagreira. Pela noite dentro, baile no Salão Paroquial.

O Programa de Animação Musical do Município continuou em Setembro com a actuação de três Filarmónicas



no Largo Edmundo Machado Ávila, na Vila: Educação Recreio e Beneficência União Ribeirense, Recreio dos Pastores e União Musical da Piedade.

Fora de portas, em New Bedford, Estados Unidos da América, a 8 e 9, participação da ilha do Pico na Terceira Regata Internacional de Botes Baleei-



ros, organizada pela Azorean Maritime Heritage Society. As três equipas participantes (Faial, Pico e New Bedford) disputaram duas provas de remo e vela. Da ilha do Pico viajaram os atletas Paulo Alves, Manuel Heldebrando Tavares, Mário Freitas, Paulo Leal, João Silva, José Azevedo e Bento Silva.

No fim-de-semana de 14 e 16, no Salão do Centro Social Cultural e Recreativo da Silveira, um evento recreati-



vo organizado por Cesar Freitas e pelo Grupo Desportivo da Piedade. Constatou de um concurso de dança e um serão com as fadistas Eugénia Alves e Renata Silva. Ocorreu ainda um concurso de canto e a cantora Simara animou a noite. No Domingo realizou-se um desfile de "Misses" e "Misteres", onde actuou Tony Silveira. O evento foi animado pelo Grupo Onda Musical.

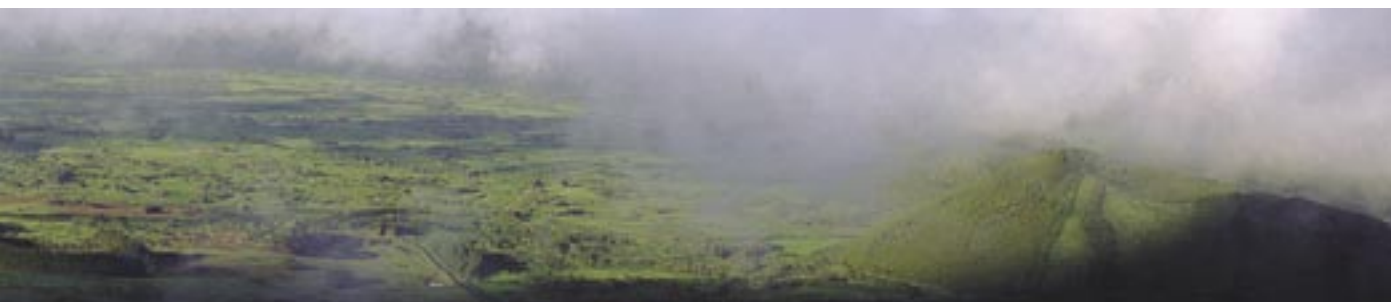
A 22 e 23, no Calhau, Piedade, teve lugar a Festa do Calhau em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem.

A terminar o mês de Setembro, o Município das Lajes do Pico e o programa Eco-Escolas da Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico organizaram um Ciclo de Cinema com o Ambiente como temática. Entre os dias 27 e 30 realizaram-se sessões para adultos (Uma Verdade Inconveniente) e



crianças (Happy Feet) nos habituais horários de exibição cinematográfica do Auditório Municipal, e sessões especiais para as crianças das escolas primárias do concelho nos dias 27 e 28. A adesão e o agrado geral foram acima de qualquer expectativa positiva – muitas delas foram pela primeira vez a uma sala de cinema!

Uma colaboração institucional que se espera ver repetida muitas vezes.



No último fim-de-semana de Setembro, a finalizar as festas de Verão, houve ainda lugar a mais uma festa religiosa, desta vez em Honra de Nossa Senhora das Mercês, na Manhenga, Piedade, momento igualmente importante como festa de vindimas da Freguesia.

A abrir o mês de Outubro, a 4, teve lugar na Manhenga, Piedade, a inauguração da ampliação do Salão dos Amigos da Manhenga.

No dia 5 de Outubro, realizou-se nas Lajes o 19º Encontro dos Antigos Combatentes com almoço na sede da Filarmónica Lajense, missa na Igreja Ma-



triz e inauguração do Monumento aos Combatentes.

Na Freguesia de S. João, nos dias 6 e 7, a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Também nos mesmos dias, a Festa de Nossa Senhora de Fátima, Santa Bárbara, Ribeiras.

No dia 7, na Piedade, Festa de Nossa Senhora das Dores.

A Galeria Municipal prosseguiu em Outubro, dia 12, a sua programação de exposições de qualidade, desta vez com (In)Definições Atlânticas, da jo-



vem e premiada fotógrafa Sandra Rocha, em mais uma colaboração com o IAC-Instituto Açoriano de Cultura.

Na Calheta de Nesquim, nos dias 13 e 14, Festa de Nossa Senhora de Fátima.

Nas Terras, Lajes, nos mesmo dias 13 e 14, Festa em Honra de Nossa Senhora de Fátima.

A Festa de Nossa Senhora das Dores, na Piedade, teve lugar no dia 14.

No dia 1 de Novembro, todas as Freguesias organizaram comemorações religiosas do Dia de Todos os Santos.

Dia 1 foi também dia de Festa de Nossa Senhora do Carmo, em Santa Bárbara, Ribeiras.

Dia 9, um Baile-concerto, no Salão da Irmandade do Divino Espírito Santo da Companhia de Cima, S. João, com os artistas Dinis Paiva, LJB e Nélia

Entre 9 e 11, Festa de São Martinho das Canadas, Calheta de Nesquim, com um baile-concerto animado os artistas Dinis Paiva, LJB e Nélia. Actuação do Grupo Folclórico Infantil da Associação de Pais da Escola B/S das Lajes do Pico. E ainda chamarritas e karaoke

Uma Festa de São Martinho aconteceu entre 9 e 11 no Salão da Irmandade do Divino Espírito Santo da Companhia de Cima

CLUBE DESPORTIVO RIBEIRENSE EM JORNADAS EUROPEIAS

O voleibol feminino do Clube Desportivo Ribeirense participou em Novembro e Dezembro em importantes provas europeias. O CDR, embora não saindo vencedor, honrou mais uma vez as cores ribeirenses e açorianas nas disputas realizadas contra equipas estrangeiras. Na participação na Taça CEV, perdeu em 25 de Novembro contra a equipa de Amstelveen, na Holanda, pelos parciais 25-20, 25-12 e 25-17, e depois em Dezembro, dia 2, no Pico (Madalena, Pavilhão da Escola Cardeal



al Costa Nunes), pelos parciais 22-25, 19-25, 25-22 e 26-28.

Eliminada, então, desta Taça CEV, o Ribeirense entrou imediatamente na disputa da taça Challenge. Em sorteio calhou ao Ribeirense o Maribor, da Eslovénia, contra quem jogou no Pico, no dia 16 de Dezembro, de novo no Pavilhão da Escola Cardeal Costa Nunes, e na Eslovénia uma semana depois, per-

dendo em ambas as ocasiões pelos parciais 25-21, 19-25, 16-25 e 15-25 (casa), e 25-14, 25-21 e 25-18 (fora).

TEATRO EM DEZEMBRO

O teatro marcou presença em Dezembro. No dia 8, dois espectáculos: no Salão da Silveira, pelas 21 horas, Dom Quixote, pelo grupo de teatro do Chapitô, encenação de John Mowat e interpretação de José Carlos Garcia e Ricardo Peres; mais tarde (22.30



horas), no Auditório Municipal, A Moireia, pelo grupo de teatro O Dragoeiro, encenação de Nelson Monforte e interpretação de Pedro Teixeira, Leonor Cabral e Ana Cunha (este espectáculo foi promovido pelo Museu do Pico e Direcção Regional da Cultura). No dia 22, ao ar livre, no belo espaço do Forte de Santa Catarina, o grupo de teatro das Lajes, o Muitieramá, apresentou um exercício.

CANTATA DE NATAL PELO CORAL DAS LAJES

À hora do fecho desta edição, o Grupo Coral das Lajes do Pico prepara-se para apresentar à população uma Cantata de Natal, nas Igrejas de Nossa Senhora (Piedade) e Matriz (Lajes).



Foto de arquivo



TURISPICO COM MAIS OFERTA TURÍSTICA

Quase com o ano a finalizar, Nélia e José Manuel Xavier, inauguraram o Picadeiro e Casa de Apoio da sua empresa de animação turística na Piedade, a Turispico. No próximo Boletim incluiremos notícia desenvolvida.





GRATIA PLENA NA GALERIA MUNICIPAL

No dia 7 de Dezembro inaugurou-se mais uma bela exposição na Galeria Municipal: Gratia Plena, do artista açoriano Mário Cabral.

Mário Cabral nasceu na ilha Terceira (1963), onde vive. Doutor em Filosofia, tem publicados quatro livros: Histórias duma Terra Cristã (crónicas, Horta, 1996); O Meu Livro de Receitas (poesia, 2000), O Livro das Configurações (romance, 2001) e O Acidente (romance, 2001). Está para sair Via Sapien-tiæ: da Filosofia à Santidade – A Inspiração Cristã do Pensamento Português Contemporâneo (ensaio, Lisboa, IN-CM).

Faz parte de colectâneas dedicadas aos novos poetas portugueses, a exemplo uma mexicana (Ventana a la Nueva Poesía Portuguesa, México, 2001), e outra americana (On a Leaf of Blue: Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, 2003).

Publica em periódicos da sua especialidade e em revistas literárias (ex: :ilhas, Neo, www.seixoreview.com, Magma – coordenou, com Judite Jorge o seu número 4); assinou uma crónica semanal (Cassandra) no jornal terceirense A União, onde também publicou um folhetim (Eudemim).

A sua última exposição (desenho) aconteceu em simultâneo com o lançamento de O Acidente (Carmina Galeria, EUDEMIM: O Retorno ao Belo – Sinestésias, 2005).

Em 2005, entrou para a Ordem Franciscana Secular (OFS), fraternidade de Angra.





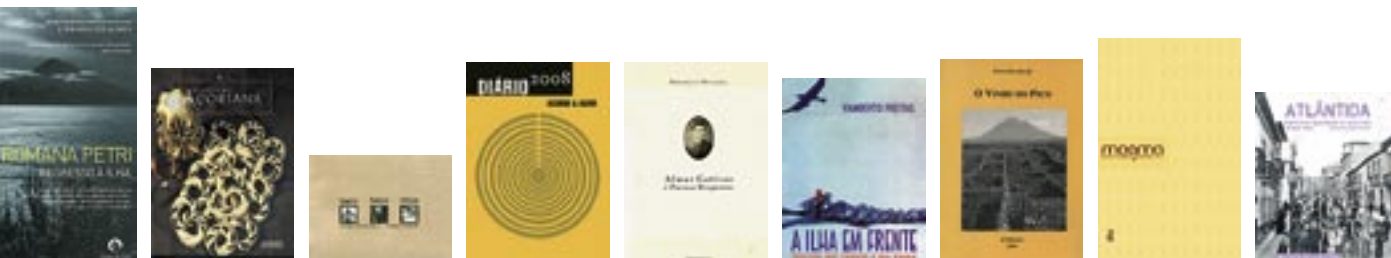
UM NATAL CELEBRADO (TAMBÉM) COM LIVROS

Entre os dias 14 de Novembro de 24 de Dezembro a Loja do Forte de Santa Catarina recebeu muitos lajenses que quiseram oferecer prendas especiais a familiares e amigos: livros. Nesse período, todos os livros tiveram um desconto de 10% sobre o preço de capa. Para os que não tiveram oportunidade de ainda fazer uma visita à Loja, deixamos aqui um breve panorama dos livros que lá podem encontrar.

Os autores açorianos e as temáticas açorianas estão, naturalmente, em destaque, como se pode ver pela lista ao lado – com a nota que um ou outro título pode estar momentaneamente indisponível, pois estamos à espera de diversas encomendas: a nossa Loja deverá ter à venda muito em breve uma das maiores, se não a maior, coleção de títulos de autores açorianos/temática açoriana da Região.



- (Sapa)Teia americana, Onésimo Teotónio Almeida
- 12 poetas açorianos, António Manuel Couto Viana
- 121 poemas escolhidos (1954-1997), Emanuel Félix
- À boquinha da noite, Dias de Melo
- A criação do tempo, do bem e do mal, Daniel de Sá
- A fome, José Martins Garcia
- A ilha em frente: textos do cerco e da fuga, Vamberto Freitas
- A noite dos prodígios, Carlos Tomé
- A senhora dos Açores, Romana Petri
- A solidão da casa do Regalo, Álamo Oliveira
- A solidão de Júpiter, José Maria França Machado
- A terra permitida, Daniel de Sá
- A viagem do medo maior, Dias de Melo
- Adágios de benquerença, Ivo Machado
- Ah! Monin dum corisco!, Onésimo Teotónio Almeida
- António, porta-te como um flor, Álamo Oliveira
- As duas cruzes do Império, Daniel de Sá
- Burra preta com uma lágrima, Álamo Oliveira
- Com perfume com veneno, Álamo Oliveira
- Crónica do despovoamento das ilhas, Daniel de Sá
- Crónicas do Alto da Rocha do Canto da Baía, Dias de Melo
- Das velas de lona às asas de alumínio, Dias de Melo
- Degrau de Pedra, Tomaz Borba Vieira
- Deixando a ilha do Pico, Frank. X. Gaspar
- Dez regressos, Nuno Costa Santos
- Dormir com um fauno, Madalena Férin
- E Deus teve medo de ser assim, Daniel de Sá
- Herdar estrelas, Tomás Borba Vieira



- Histórias para piano, José Bettencourt da Câmara
- Ilha grande fechada, Daniel de Sá
- Inverno sem Primavera, Dias de Melo
- Já não gosto de chocolates, ÁlamO Oliveira
- José Martins Garcia, Lúcia Helena Marques Ribeiro
- Milhas contadas, Dias de Melo
- Na distância deste tempo, Marcolino Candeias
- Nas barbas de Deus, J. H. Borges Martins
- Nem todos têm Natal, Dias de Melo
- No crescer dos dias, José Martins Garcia
- No seio desse amargo mar, Onésimo Teotónio Almeida
- Nunca outros olhos seus olhos viram, Ivo Machado
- O Acidente, Mário Cabral
- O arcano da Ribeira Grande, Mário Moura
- O autógrafo, Dias de Melo
- O baleeiro dos montes, Romana Petri
- O gosto das palavras III, Urbano Bettencourt
- O imaginário dos escritores açorianas, Vamberto Freitas
- O menino deixou de ser menino, Dias de Melo
- Obras completas de Carlos Wallenstein 1 - Poesia
- Obras completas de Carlos Wallenstein 2 - Contos e crónicas
- Obras completas de Carlos Wallenstein 3 - Teatro radiofónico
- Obras completas de Carlos Wallenstein 4 - Teatro
- Para cada amanhã, Vamberto Freitas
- Passageiro em trânsito, Cristóvão de Aguiar
- Pedras negras, Dias de Melo
- Pena dela, saudades de mim, Dias de Melo
- Pérolas da sabedoria popular portuguesa – Os provérbios açorianos nos EUA, Gabriela & Matthias Funk
- Pérolas da sabedoria popular portuguesa – Provérbios das ilhas do grupo central dos Açores (Faial, Graciosa, Pico, S. Jorge e Terceira), Gabriela & Matthias Funk
- Poemas, J. H. Borges Martins
- Prelúdio para o dia perfeito, Madalena Férin
- Quebra-cabeças e nozes, Manuel Machado
- Reviver na festa da vida a festa da morte, Dias de Melo
- Tempos últimos, Dias de Melo
- Um grito em chamas, de Cristóvão de Aguiar
- Viagem à memória das ilhas, Jorge Arrimar

Além destes títulos, pode ainda encontrar outras obras de Natália Correia, João de Melo, ou Cristóvão de Aguiar, por exemplo. Estantes de poesia e teatro estão também à disposição dos leitores, como autores como, na poesia: Walt Whitman, Sophia de Mello Breyner Andresen, Rui Pires Cabral, Manuel de Freitas, Adília Lopes, Armando da Silva Carvalho, Alexandre O'Neill, Carlos Bessa, Cecília Meireles, Charles Baudelaire, Coleridge, Eugénio de Andrade, Fernando Pessoa, Fernando Assis Pacheco, Francis Ponge, Gonçalo M. Tavares, Henri Michaux, João Miguel Fernandes Jorge, Joaquim Manuel Magalhães, Jorge Gomes Miranda, Jorge Sousa Braga, José Agostinho Baptista, José Miguel Silva, Konstandinos Kavafis, Philip Larkin, Carlos Alberto Machado, Herberto Hélder, Luíza Neto Jorge, Manuel António Pina, Mário Cesariny, Pablo Neruda, Ruy Belo, T. S. Eliot, Ted Hughes, São João da Cruz ou Santa Teresa de Ávila; no teatro, nomes como: Abel Neves, Alfred Jarry, Armando Nascimento Rosa, Bertolt Brecht, Eduarda Dionísio, Federico Garcia Lorca, Harold Pinter, Hélia Correia, Henrik Ibsen, Jacinto Lucas Pires, Jaime Rocha, Jorge Loureiro Figueira, Jorge Silva Melo, Luísa Costa Gomes, Molière, Vicente Sanches ou Shakespeare.

O turismo, a gastronomia e os vinhos, os oceanos e os grandes cetáceos, obras para crianças e jovens, o romance, ensaios diversos e obras de autores portugueses em traduções – para já em francês e espanhol, e em breve em inglês, italiano e alemão – são outras secções com obras importantes na Loja do Forte de Santa Catarina. As edições municipais têm também o seu destaque: revista Magma, Biblioteca Açoriana e Cadernos SIBIL, entre outras obras em que o Município colaborou, como as de Ermelindo Ávila, Norberta Amorim ou Conceição Maciel, entre outras.

Dentro de um mês, contaremos com novidade importantes, em especial livros de arte, design e arquitectura, a preços convidativos. T-Shirts e outros artigos de “merchandising” completam, para já, os conteúdos da Loja, única na ilha.

A Loja do Centro de Artes e de Ciências do Mar (antiga fábrica SIBIL) terá igualmente todos estes livros e artigos a partir do início de Fevereiro próximo.

um objectivo cumprido

GRANDE REPAVIMENTAÇÃO DA REDE VIÁRIA



Em Novembro teve início a empreitada de grande repavimentação de arruamentos do Concelho, onde se incluíram, numa extensão de cerca de 12 quilómetros, Caminhos municipais nas Freguesias da Ribeirinha (Canada da Tenda, Caminho Novo, Ramal da Baixa e Caminho da Baixa), Piedade (Caminho do Miradouro e Caminho dos Fetais) e Calheta de Nesquim (Caminho do Miradouro e Caminho da Feteira). Na continuação desta empreitada, teremos brevemente a repavimentação do Caminho do Arrife, na Freguesia das Ribeiras e do Caminho do Mato, na Freguesia de S. João. Este investimento, superior a 800 mil euros, insere-se num conjunto de intervenções que visa a requalificação da quase totalidade da rede viária concelhia nos próximos 2 anos, tal como estava previsto no Programa de Trabalho deste Executivo iniciado em 2005.

Seguir-se-á ainda em 2008, uma segunda empreitada de reabilitação de outros Caminhos municipais nas várias Freguesias e na sede do Concelho.

Presidente da Câmara apresenta as **Grandes Opções do Plano** do Município para 2008

A Presidente da Câmara apresentou ao Executivo e à Assembleia Municipal, em 19 e 27 de Dezembro, respectivamente, as Grandes Opções do Plano e o Orçamento para o Ano Financeiro de 2008.



I. PREÂMBULO

i. Em cumprimento das disposições legais, apresentamos hoje, 19 de Dezembro de 2007, aos membros do Executivo da Câmara a Proposta de Orçamento e Grandes Opções do Plano da Câmara Municipal das Lajes do Pico para o ano financeiro de 2008.

ii. A Proposta de Grandes Opções do Plano para o ano financeiro de 2008 é composta pelo Plano Plurianual de Investimentos para 2008-2009 e pela presente Apresentação, que integra Projectos e actividades mais relevantes para 2008-2009 e Orçamento 2008: Equilíbrio, Rigor e Investimento.

iii. Neste período de sensivelmente de meio do mandato, creio dever lembrar e acentuar, com bastante ênfase:

A) o programa de desenvolvimento sustentado do Concelho apresentado ao eleitorado em 2005, ancorado em maioria municipal nos 2 últimos anos, está a ser plenamente cumprido: até ao fim do mandato, serão executados a quase totalidade dos projectos e serão iniciados os restantes, além de outros não previstos em pormenor e que serão igualmente finalizados ou a que se dará início concreto;

B) a educação, as infra-estruturas (abastecimento de água e rede viária), o turismo e a cultura, como pilares de desenvolvimento, foram as principais áreas de investimento – um investimento como dificilmente antes se conheceu no nosso Concelho;

C) a iniciativa do Executivo, apoiada sem falhas pela maioria municipal, foi motivadora do investimento privado e governamental: também neste domínio, o investimento é a olhos vistos o mais significativo de sempre. Assim se demonstra que a aposta séria no desenvolvimento sustentado é passível de amplos consensos políticos e sociais e que a diversidade de projectos políticos pode ser harmonizada por projectos consensuais da sociedade.

D) a política de gestão financeira e de recursos tem-se pautado pelo rigor, mesmo que os quadros regional e nacional não tenham sido os mais favoráveis; aliada ao rigor, a gestão tem sido simultaneamente ambiciosa e propiciadora de desenvolvimento.





II. PROJECTOS E ACTIVIDADES MAIS RELEVANTES PARA 2008-2009

i. Sem prejuízo de outros desenvolvimentos, quero destacar os principais empreendimentos e projectos para esta segunda metade do nosso mandato.

O Orçamento e Plano do próximo ano têm como principais áreas de investimento a educação, a reabilitação da rede viária e o desporto e as actividades físicas. Ou seja:

Pretendemos concluir nos próximos dois anos a grande reabilitação dos edifícios escolares da São João, Ribeiras e Piedade. Nesta obra da Escola da Piedade, inclui-se a grande ampliação para os 2º e 3º Ciclos, da responsabilidade da Secretaria Regional da Educação e protocolada com o Município.

Vamos continuar a fazer a manutenção dos restantes edifícios (Silveira, Ribeira do Meio, Ribeirinha e Calheta). Além destas obras, destaco a continuação do apoio aos diversos Clubes de alunos da Escola Básica Integrada/Secundária e às associações juvenis.

Integrado no projecto da escola da Piedade, será construído um moderno Pavilhão Desportivo com capacidade para a prática oficial de diversas modalidades. Terá uma utilização conjun-

ta pela Escola e pela comunidade em geral.

A 2.ª Fase do Ginásio de Santa Catarina, integrado no Campo Municipal de Jogos, completará o conjunto de obras a executar na área do desporto do nosso plano.

O Campo Municipal de Jogos funcionará em pleno desde o início do ano, sendo a sua gestão assegurada pela Empresa Municipal CULTURPICO (tal como já vem sendo feito com o Forte de Santa Catarina).

A Piscina Municipal de Santa Cruz das Ribeiras será objecto de pequenos melhoramentos e deverá ter, em colaboração com a Junta e associações locais, um programa de animação desportiva de Verão.

O Parque de Campismo das Lajes, depois do melhoramento efectuado em 2007 (vedação e condições de segurança), terá a partir de Janeiro de 2008 taxas pagas de utilização e a revisão do seu Regulamento.

Na rede viária, continua a empreitada de repavimentação de arruamentos do concelho, numa extensão de quase 12 quilómetros (11.800 metros), adjudicada em 2007, e será elaborado o projecto da 2.ª empreitada de repavimentação, prevenindo-se o início da obra ainda em 2008. Paralelamente, serão executados outros projectos

de rede viária, tais como: reabilitação da Rua do Castelo, Rua da Fábrica da Baleia, Rua do Poço, Grotta do Rossio, Rua de Santa Catarina, Rua Fernão Alvares Evangelho, Ponte do Touril, Caminho da Engrade e Caminho do Cemitério das Canadas.

ii. A melhoria e qualificação da vida de todos no nosso Concelho passa, pois, por estas duas importantes áreas de intervenção. Completam-se com domínios como a qualificação urbana (entendida em sentido lato), o apoio ao associativismo, a acção social, a cultura e o lazer e os projectos e actividades de acolhimento e de promoção turística do Concelho, onde se incluem os esforços, neste momento bem posicionados, para a captação de grandes investimentos privados, como hotéis/resorts e estruturas de golfe.

Assim, na qualificação urbana, é de salientar que em 2008 será terminado o Plano de Pormenor da Vila, depois da devida consulta pública.

No quadro da Delegação de Competências, completa-se nestes dois anos o importante esforço tanto de qualificação da rede viária, como no arranjo, edificação e melhoria generalizada de arranjos urbanísticos, zonas balneares e de lazer ao longo da orla costeira das freguesias e diversas obras em equipa-



mentos e zonas de lazer. O embelezamento e a valorização dos espaços públicos continuará com a manutenção das zonas de lazer já existentes e conclusão da zona de lazer da Manhêna, na Piedade, a continuação dos melhoramentos na envolvente à Igreja e Terreiro, na Calheta, conclusão dos arranjos da zona da Arruda, em São João, requalificação da zona de lazer das Pontes, nas Ribeiras.

A remodelação total do Parque de Estacionamento entre a Rua Capitão-Mor Garcia Gonçalves Madruga e a Estrada Regional, obra a iniciar nos primeiros meses de 2008, será um elemento importante de requalificação urbana e de melhoria da qualidade de vida.

Destaque ainda para o grande significado da construção do parque temático Jardim Mágico da Baleia, na zona de lazer e jardim público da Vila, localizado na área do antigo campo de futebol.

Nas zonas balneares as intervenções mais significativas serão as das zonas balneares do Calhau, na Piedade, e do Portinho, nas Lajes. Também nas Lajes, a zona balnear da Maré será objecto de um melhoramento proporcionado pela grande obra do Passeio Marítimo, projecto transferido para a Empresa Municipal, e a zona balnear da Lagoa tem a sua requalificação prevista no projecto da sede do Clu-

be Náutico das Lajes, cuja comparticipação do Município se concretizará na parte correspondente ao imóvel, que é património municipal.

A acção social será fundamentalmente marcada pela continuação do apoio aos Centros de Convívio e em geral às actividades direccionadas para os mais idosos, e à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens das Lajes do Pico.

Depois do grande investimento na recuperação do Forte de Santa Catarina para Posto de Turismo e Zona de Lazer, da entrada em funcionamento da Piscina de Santa Cruz das Ribeiras, e do início do funcionamento da primeira Fase do Centro de Artes e de Ciências do Mar e do Campo Municipal de Jogos, pólos centrais de uma Rede de Equipamentos Sócio-Culturais, Desportivos e de Turismo, 2008 e 2009 serão os anos de potenciação destes e de outros equipamentos, a que se juntará, em 2009, o Teatro na Vila. A 2.ª Fase (Núcleo de Biologia Marinha), em colaboração com a Universidade dos Açores, deverá ter o seu projecto realizado em 2008 e a construção iniciar-se em 2009. De notar ainda que o referido parque temático Jardim Mágico da Baleia será um elemento central na requalificação da Vila e de elemento indispensável para a melhoria da qualidade de vida da população – além de elemento importantíssimo de valoriza-

ção turística do Concelho (recorde-se que no domínio da iniciativa governamental reivindicado para a Vila, está quase finalizada a obra de protecção da orla marítima e o Porto de Recreio terá a sua finalização em 2008 – importantes contributos para o papel de destaque do nosso Concelho no quadro da ilha e do triângulo).

Uma parte considerável dos apoios financeiros que a Autarquia concede às associações é, como se sabe, canalizada para iniciativas desportivas, no quadro do nosso apoio ao desporto, recreio e lazer como importantes factores de formação cívica – e em geral ao associativismo. Quase três dezenas de associações continuarão a ser devidamente apoiadas pela Câmara. O desporto federado – futebol, voleibol e patinagem – continua a merecer o nosso apoio, apoio que, contudo, deverá ser complementado com os Regionais e com receitas próprias.

Entre apoios directos, obras da Autarquia e outras no âmbito das suas Delegações de Competências nas Juntas de Freguesia, teremos ainda a construção de raiz de um salão na freguesia da Piedade, para sede da Filarmónica daquela freguesia (projecto de arquitectura terminado em 2007 e início de construção previsto para 2008).

Dois palcos desmontáveis serão adquiridos neste biénio para apoio à actividades de ar livre nas freguesias.

No capítulo da Delegação de Competências nas Juntas de Freguesia, para além do investimento na rede viária, no qual se destaca a Freguesia das Lajes, relevo alguns investimentos, com a nota que as Freguesias que este ano têm menos investimento em Delegação de Competências, nomeadamente, Ribeirinha e São João, são as contempladas com maiores extensões de repavimentação na empreitada de grande repavimentação de arruamentos do Concelho iniciada em 2007 e ainda em execução:

- Ribeiras:

- Zona de Lazer das Pontes
- Jardim de Santa Cruz
- Cemitério das Ribeiras

- São João:

- Ampliação da Sede da Junta (projecto)
- Arranjos urbanísticos do Poço da Arruda

- Calheta de Nesquim:

- Zonas Balneares e de Lazer
- Arranjos urbanísticos (adro e terreiro)
- Cemitério

- Piedade:

- Arranjos urbanísticos (Manheinha)
- Zona Balnear do Calhau
- Cemitério

A obra de requalificação da nossa Biblioteca está a terminar a sua pri-

meira fase, com a abertura em breve da sala de leitura de adultos. Este ano o equipamento será candidatado a financiamento para completar a sua remodelação e ampliação. Na Freguesia da Piedade será criada uma extensão da Biblioteca Municipal, incluindo ATL. Neste biénio, será também criada uma biblioteca itinerante. Em todo o caso, reinicia-se a sua vertente de dinamização do livro e da leitura e reforçar-se-á a componente de divulgação cultural com palestras e encontros, cinema, teatro, música e dança, esperando-se que a Escola colabore activamente na programação conjunta de iniciativas.

A Galeria Municipal continuará, por seu lado, a importante política de exposições de todo o tipo, afirmando-se como uma das galerias de arte mais activas da Região.

Neste domínio de divulgação e dinamização cultural, o Município continuará a destacar-se pela sua qualidade e diversidade local, regional e nacional

(2008 e 2009 conhecerão igualmente significativos eventos internacionais). O Forte de Santa Catarina e o Centro de Artes e de Ciências do Mar serão os pólos geradores de muitas destas iniciativas.

As edições municipais e as publicações de informação municipal – com grande prestígio na Região – continuarão, de forma a cumprir o seu papel de promoção cultural e divulgação do Concelho.

No capítulo dos estímulos à economia local, destaco:

a) o ordenamento e construção das infra-estruturas da ZIL (Zona Industrial das Lajes), construção em 2008 e 2009, e um Regulamento onde se incluem incentivos à fixação de empresários no local;

b) a revisão dos actuais Regulamentos Municipais de apoio à habitação de modo a incluir majorações que incentivem a recuperação de casas de arquitectura tradicional;

c) a criação de um Regulamento municipal para apoio técnico a projectos de natureza turística, nomeadamente na área do turismo rural e da restauração;

d) a construção de um Mercado Municipal (centro de comércio de produtos locais e estrutura de apoio à realização de feiras ou mercados de produtos locais em diferentes pontos do Concelho).



lho): projecto com execução em 2008 e construção a iniciar-se em 2009.

Daremos seguimento aos projectos, actividades e iniciativas de promoção turística do Município, com destaque para iniciativas de “musealização” da cultura baleeira (em especial o lançamento de um pequeno roteiro da cultura baleeira e os apoios às instituições locais que cuidam e divulgam este importante património lajense). Outros instrumentos de valorização e divulgação da cultura local estão igualmente previstos.

iv. Finalmente, quero dizer-vos que a Administração autárquica será reforçada na medida das suas possibilidades financeiras, não deixando, porém, de apostar na qualificação dos seus quadros e na modernização de parte dos seus equipamentos administrativos, informáticos e outros, de forma a melhor servir os cidadãos, tanto directa como indirectamente. Quero ainda destacar que durante 2008 será lan-



çado o concurso para execução das obras das Juntas de Freguesia da Calheta de Nesquim e da Ribeirinha, para reabilitação e adaptação de imóvel e nova construção, respectivamente, e de São João, a elaboração de projecto para futura ampliação e adaptação (em Delegação de Competências).

III. ORÇAMENTO 2008: EQUILÍBRIO, RIGOR E INVESTIMENTO

A presente proposta de Orçamento para o ano 2008 apresenta um valor global de €11.758.554,00 (onze milhões, setecentos e cinquenta e oito mil, quinhentos e cinquenta e quatro euros). Deste montante global, €3.566.221,00 (30%) destinam-se a Despesas Correntes, devidamente asseguradas por igual valor de Receitas Correntes, que suportarão a manutenção e operacionalidade dos serviços, a elaboração de projectos técnicos, bem como toda a actividade municipal, €8.192.333,00 (70%), correspondem a Despesas de Capital, suportadas pelo mesmo valor de Receitas de Capital, que garantem a execução de Investimento Municipal, o pagamento de amortizações de empréstimos e as actividades mais relevantes.

O investimento municipal fica distribuído maioritariamente, pelas seguintes áreas: Ensino €3.001.600,00





(34,55%), Rede Viária €1.893.850,00 (21,80%), Desporto, Recreio e Lazer €1.540.000,00 (17,73%), Cultura e Turismo €772.834,00 (8,90%), Abastecimento de Água €689.050,00 (7,93%), Ordenamento do Território €355.250,00 (4,9%), ficando as restantes acções (Protecção Civil, Habitação, Indústria e Energia; Administração Geral; Protecção, Meio Ambiente e Conservação da Natureza) com valores menos expressivos.

As Grandes Opções do Plano apresentam-se distribuídas pelos próximos dois anos do presente mandato, 2008 e 2009, prevendo-se um montante global de €18.095.644,00 para as acções a desenvolver nestes dois anos.

Sendo a descentralização uma das opções da estratégia política deste executivo, propõem-se Delegações de Competências com as Juntas de Freguesia no montante de €422.000, o que representa um acréscimo em relação ao ano transacto, e Subsídios a Colectividades e Instituições Culturais, Recreativas e Desportivas e Apoios diver-





tos de cerca de €300.000 (dos quais €144.480 se destinam à Empresa Municipal), para a promoção da cultura, desporto e turismo no nosso concelho, a protocolar através de contratos-programa.

Continua-se a política de contenção nas despesas correntes, nomeadamente, no que respeita a despesas de funcionamento e despesas com pessoal, onde se promove a qualificação através do recrutamento de quadros técnicos indispensáveis ao Município, proporcionalmente à redução de recursos humanos menos qualificados. A despesa corrente mais significativa continua, porém, a ser a despesa com pessoal, seguida dos custos com

estudos e projectos, este ano com um grande acréscimo pelo facto dos projectos de investimento respeitantes às empreitadas que antes eram considerados despesa de capital serem agora classificados, por imposição legal, como despesa corrente.

Quanto à Receita que suporta o Orçamento, esta é proveniente em grande parte (63,5%) do Fundo de Equilíbrio Financeiro, no caso da Receita Corrente, situação que revela uma dependência ainda grande do Orçamento Geral do Estado, em detrimento das receitas próprias da autarquia, ainda reduzidas, mas que representa uma evolução positiva em relação a anos anteriores.

A Receita de Capital é maioritariamente (52%) proveniente dos fundos comunitários do novo Quadro Comunitário de Apoio 2007-2013 (QREN-PO-AC) e do financiamento ainda a receber do actual Quadro. É significativa também este ano a participação da Administração Regional no orçamento municipal pelo valor da parte da obra da Escola da Piedade referente aos 2.º e 3.º Ciclos.

Em síntese, posso dizer que este Orçamento e Plano Plurianual se pauta pelo equilíbrio e pelo rigor, com capacidade de investimento para um desenvolvimento sustentado. Uma política com potencialidade de atracção de iniciativas produtivas e de investimentos.





FILARMÓNICA RECREIO DOS PASTORES: UM SÉCULO DE MÚSICA DO POVO DE S. JOÃO

Estamos a celebrar 100 anos de existência da Filarmónica Recreio dos Pastores.

Para comemorar um aniversário, e, neste caso, um século de vida, nada há de mais adequado do que fazer uma retrospectiva, um balanço, um estudo da actividade associativa.

Com este propósito a Direcção convidou, há algumas semanas atrás, a Dra. Maria de Jesus Maciel para fazer uma breve resenha histórica dos 100 anos de vida da instituição.

Embora este trabalho pudesse ser realizado por outras pessoas, a verdade é que, sem excluir as capacidades de ninguém, o convite foi dirigido à pessoa certa.

MARIA DE JESUS MACIEL, A AUTORA

A Dra. Maria de Jesus Maciel é licenciada em História, com Mestrado feito, qualificada academicamente, portanto, para o trabalho de investigação requerido.

De há alguns anos a esta parte, para efeitos de publicação (que está prestes a acontecer), vem trabalhando na recolha e análise da vasta obra literária do Padre Bernardo Maciel, ilustre conterrâneo que assistiu à fundação da banda filarmónica, trocando correspondência familiar a propósito do acontecimento, contribuindo, decisivamente, para a fixação do nome da instituição – Filarmónica Recreio dos Pastores.

A Dra. Maria de Jesus Maciel é natural desta freguesia, onde viveu a infância e a adolescência e mantém com ela ligações permanentes, colaborando na realização de estudos sobre a mesma.

Participou activamente nas actividades culturais da freguesia, sobretudo

nas realizações de âmbito musical, no teatro amador, no folclore e ranchos de natal, no grupo coral da paróquia.

Presidiu à Direcção da também já centenária Filarmónica Liberdade Lajense.

Foi membro activo do Coro da Universidade de Lisboa e, na actualidade, faz parte do Grupo Coral das Lajes do Pico.

Por fim, e com a relevância que interessa a esta comemoração, a Dra. Maria de Jesus Maciel, ainda que por um período de tempo muito limitado, foi executante da Filarmónica Recreio dos Pastores.

À partida, o convite, além de honroso, mostrava-se de fácil execução, até porque (parecia) não havia muitos documentos a estudar.

E, assim, provavelmente neste lugar e a esta hora estaria ela a apresentar no espaço necessariamente limitado de um discurso um resumo da história da instituição.

A verdade é que, decorrido metade do prazo de investigação, verificou-se que a matéria recolhida, entre documentos, citações na imprensa e tradição oral, dava para fazer um livro... com mais de 100 páginas.

É este o livro que foi escrito por ela e agora vos apresento.

100 ANOS DE SONS E MEMÓRIAS

A obra tem por título: A Filarmónica Recreio dos Pastores – um percurso de sons e memórias. A obra começa por descrever a freguesia de S. João à data da fundação da banda, as vicissitudes que acompanharam a sua criação, outros acontecimentos semelhantes que já tinham tido lugar na ilha do Pico e nas outras ilhas próximas.

Cito a Filarmónica União Popular da Ribeira Seca – Calheta de São Jorge (1854) com 153 anos, a mais antiga dos Açores; a Artista Faialense (1858), a Liberdade Lajense (1864) a mais antiga da ilha do Pico; a União Artista de São Roque (1880); a Lira Fraternal Calhetense (1888); a Lira Madalense das Sete Cidades (1897); a Recreio Ribeirense (1900).

Os últimos capítulos, correspondem aos períodos mais marcantes da

associação – da Fundação às Bodas de Ouro (1907-1957); das Bodas de Ouro à actualidade (1957-2007).

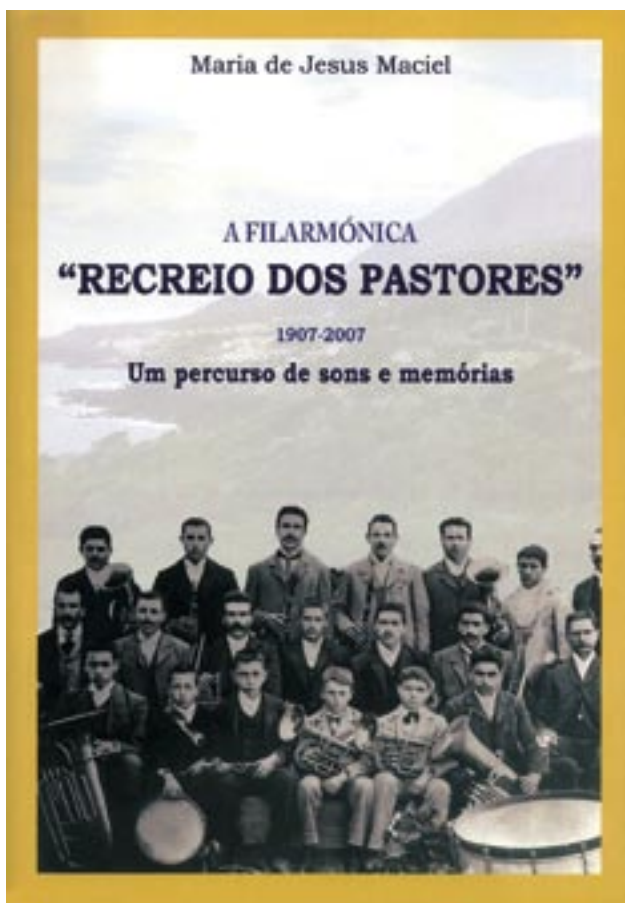
Insere ainda, além de uma dedicatória e bibliografia, um álbum fotográfico, cópia dos documentos da imprensa e a famosa acta de 1938, um conjunto de poemas dedicados à filarmónica da autoria da nossa conterrânea Conceição Maciel, testemunho poético da sua vivência musical e listagens nominativas dos associados fundadores (1907); dos associados refundadores (1933 e 1995) dos presidentes da direcção, dos mestres que dirigiram a banda.

Ao começar, permitam-me que saliente, desde já, a valia patenteada na capa do livro dando especial relevo ao nome da instituição – Filarmónica Recreio dos Pastores e à foto da fundação da banda.

Uma filarmónica é uma manifestação cultural de uma colectividade, neste caso a freguesia de S. João. Isto é: não acontece por acaso, não surge por dádiva de ninguém, não se cria por decisão política.

Foram os naturais desta terra que decidiram, colectivamente, há algum tempo atrás, precisamente, há 100 anos, constituir uma banda de música, reunindo para o efeito as pessoas e os meios adequados. E essa criação teve em vista servir a freguesia nas suas mais diversas realizações de carácter sacro ou profano, nas celebrações de festa e de alegria mas também nos momentos de pesar.

Recordo que, há alguns anos atrás, nos funerais dos seus mais ilustres, a banda integrava o cortejo fúnebre, executando peças adequadas ao momento.



Na verdade, não é possível contar a história da banda sem conhecer a da freguesia, nem falar desta esquecendo aquela.

Reparem que quando falamos das filarmónicas em geral, apesar dos nomes eruditos que apresentam, identificamo-las com a freguesia ou o lugar a que pertencem: “A filarmónica das Lajes”, “a filarmónica de Santa Bárbara”, “a filarmónica da Prainha do Norte”, “a filarmónica das Sete Cidades”, “a filarmónica de S. João...”

A Filarmónica Recreio dos Pastores tem sido mesmo a instituição mais representativa da freguesia de S. João, em particular nas colectividades vizinhas, mas também nas outras ilhas, no continente e no estrangeiro.

E esta inseparabilidade aparece logo à data da constituição da associação consagrando no nome, e fazendo-o perpetuar no tempo, de forma perene e inalterável, a par da natureza lúdica, de cultura e de lazer, (Recreio) a principal actividade dos seus habitantes, dos seu tocadores (dos Pastores).

A primeira fotografia da banda tirada à data da fundação é, seguramente, o documento mais notável da sua história.

Constitui ainda um quadro de grande qualidade fotográfica, permitindo identificar os intervenientes, um a um, o seu papel na banda, os instrumentos que tocavam, quem assumia a direcção, quem era o mestre.

Apesar de fotografados em pose livre e de não estarem fardados, apresentam-se vestidos a rigor, em boa ordem, evidenciando espírito e consciência de grupo, empunhando os seus instrumentos, deixando transparecer um olhar sério e confiante.

Para falar sobre a filarmónica o livro começa por caracterizar a freguesia.

Não é demais reafirmar que para se falar de uma não se pode deixar de falar na outra.

São João foi no passado recente um freguesia de pastores.

Não é por acaso de que se usa a palavra “pastores”. Tem a ver necessariamente com “pasto,” “pastagem”, mas também com “mato”, “pico da urze”,

“caldeira rasa”, “touril”, “cavacas” “ca-beço do fogo”...

E isso tem a ver com a natureza geológica das ilhas imposta pela actividade vulcânica, e que, no nosso caso, num passado pouco distante, quase soterrou os nossos avós...

Não é por acaso que não se usa a terminologia corrente nos outros lugares para caracterizar a actividade agropecuária: “lavradores”.

Tenha-se em conta que os nomes, também os nomes das filarmónicas, se repetem de ilha em ilha. Por exemplo: há bandas de música denominadas “Recreio dos Lavradores” em S. Jorge e na Terceira.

Também aqui temos de evocar Victorino Nemésio quando, a propósito dos açorianos, dizia que para se saber a História é mais importante conhecer a Geografia...

A história da vida associativa dos primeiros trinta anos conta-se de uma forma muito precisa e sentida, aliás, na acta de 15 de Julho de 1938 do Grémio de S. João Batista. (doc. anexo a fls 93)

Nessa altura a Filarmónica Recreio dos Pastores funcionava agregada ao Grémio.

Tinha sido constituída sem estatutos formados. Terá sido dissolvida por imperativo legal.

Esta acta é uma verdadeira obra literária.

É um hino à filarmónica e aos seus fundadores... trinta anos depois.

É o reconhecimento da valia do instrumental oferecido, entretanto, mandado reparar.

Paira sobre todos o sentimento de culpa. Que, perante uma dádiva de tão elevado valor, não teria sido feito o agradecimento devido...

A proposta do voto de louvor é um verdadeiro acto de contrição, de arrependimento.

Como sinal de gratidão lança-se na acta os nomes dos beneméritos, com pedido de perdão expresso aos eventuais esquecidos...

Acentue-se que de entre os nomes das pessoas citadas consta os da Junta de Freguesia de São João.

Sabendo-se isso e que décadas a Filarmónica e a Junta partilharam as

instalações e que nos últimos anos a presidência de ambas tem sido exercida pela mesma pessoa, pode-se concluir, com toda a certeza, que a freguesia acompanhou sempre, ao mais alto nível institucional, a sua filarmónica.

Os anos 40 e 50 ficam marcados pelas primeiras deslocações na ilha, e, em especial à ilha do Faial, em intercâmbio com a “Artista Faialense” e, claro, com a elevada e concorrida celebração do cinquentenário (1957) a que o livro dá grande e justificado relevo.

As filarmónicas, sobretudo, no rol infindável de queixas dos seus dirigentes, mais do que justas, aliás, parece que vivem em crise permanente.

Este livro, de forma bem notória, da primeira à última página, a par das emoções e celebrações de júbilo, refere incessantemente essas dificuldades, sobretudo, dificuldades de natureza financeira.

O livro conta bem como se “despede” um mestre (logo o primeiro); como se obriga os associados a pagar quotas; como se paga para aprender e até para tocar; como se vai a pé às “tocatas” mais próximas, como se corta no uso das velas e do petróleo para iluminação...

Conta ainda como a banda ultrapassou os momentos históricos conturbados do século XX, geradores de miséria e violência, particularmente as duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) a Grande Depressão (1929-1930).

Agora, os Tempos são de Mudança – um subcapítulo do livro.

Na verdade, os anos 60 vão trazer alterações significativas na maneira de viver dos habitantes da freguesia, e, claro, inevitavelmente, na sua filarmónica.

É o ter que sair da freguesia, da ilha e do país, para estudar, para trabalhar; é a guerra colonial; é a saída em massa de famílias inteiras, sobretudo, para o Faial, para os Estados Unidos e Canadá.

Basta olhar para fotografia do ano de 1958...

Alguns anos depois e a consequência é óbvia: a freguesia já não tem ca-

pacidade para “alimentar” em pessoal a sua banda.

Esta, por sua vez, não tem capacidade para gerar os seus próprios mestres...

Basta olhar para a lista dos regentes (fls.87).

Reconhece-se que, dessa lista, no período em consideração, fazem partes nomes de maestros consagrados como sejam o de Emílio Porto e de Manuel Xavier Bettencourt...

Os males não estão aqui, certamente.

Sucedeu mesmo que os dois militares, oriundos da freguesia, mortos na Guerra Colonial, eram tocadores de banda.

Veja-se o artigo sentido (de fls. 96) de um dos mestres – Manuel Emílio Porto, também ele forçado a deixar a banda e a integrar as tropas em África.

E a banda que tinha superado as mais variadas adversidades, incluindo os dois conflitos bélicos de âmbito mundial e as suas consequências restritivas, via-se agora sem gente, numa encruzilhada aparentemente insuperável.

Na verdade, a banda não fechou as portas por quezílias pessoais, por falta de espírito associativo, ou por falta de apoio.

Tudo se fez para apoiar a filarmónica.

Até se instituiu uma festa no Largo de S. João, hoje consagrada e muito concorrida.

Mas não chegou...

A notícia do fecho da banda no final dos anos 80 foi, seguramente, a pior notícia que a filarmónica e a freguesia receberam.

Pior (dizia-se na altura), mais difícil do que formar uma filarmónica era reabri-la...

Mas, é claro, todos nós já conhecemos esta história.

A filarmónica reabriu mesmo, passado pouco tempo, mais uma vez com o apoio da freguesia e das suas instituições, com a forte colaboração da comunidade emigrada.

Adquiriu instrumental novo, renovou a sua “casa da música”, constituiu-se em associação de natureza cultural, como sempre fora, agora com estatutos próprios, estendeu aos seus con-

certos às outras ilhas, ao continente e ao estrangeiro...

Sobretudo, (recorde-se os motivos que levaram ao seu encerramento) dá formação aos seus músicos e gera os seus próprios mestres. (cfr. últimos 3 mestres fls 87 cit). Mário Maciel, Paulo Bettencourt, Aníbal Gonçalves.

O livro integra ainda o testemunho poético da nossa conterrânea Conceição Maciel.

A apresentação de poemas não é o meu forte. Peço desculpa à autora por este abuso, mas não posso deixar de reproduzir, lendo, simplesmente, uma quadra “à banda de S. João quando passa em procissão...”

Escuta-se logo um pum
É o bombo, pum pum
Acorda cada instrumento
Põe a banda em movimento (...)

E este extracto, do segundo poema, quando, ao ouvir o som da banda nos arraiais:

Fui guardando a sua música
Enchendo-me da sua harmonia
Hoje faz parte de mim
Vive na minha poesia
No silêncio da minha alma
Na pauta do meu pensamento
Fui escrevendo as notas
Que voando dos instrumentos
Dançavam soltas no ar
Correndo nos braços do vento (...)

E finalizando (...)

Quero dar os parabéns
À Recreio dos Pastores
Cem anos ninguém diria
Pela cara dos tocadores!

O passar de um testemunho

Para outra geração
Acrescenta a nossa vida
Faz da vida comunhão (...)

Hoje, os tempos são outros.

As filarmónicas acolheram as mulheres nos seus naipes.

Hoje, é inquestionável que os jovens – muito jovens –, dão o melhor do seu tempo à sua filarmónica.

A escola secundária, de que muitos fazem ou fizeram parte, dá formação musical.

Há apoios financeiros das autarquias e do Governo Regional.

Hoje as bandas estão associadas em federações de âmbito regional.

Diz-se mesmo que isso pode facilitar o acesso aos fundos comunitários.

Seria bom que, mais do que isso, proporcionasse às filarmónicas um verdadeiro intercâmbio com outras culturas na construção de uma verdadeira Europa como espaço cultural.

Este livro foi feito pela sua autora para nos deixar um documento da nossa própria história.

O lançamento deste livro é, seguramente, dos mais importantes actos, que agora realizamos em celebração do centenário.

Faço um apelo para que o adquiram e o divulguem em particular juntos dos emigrantes que, tal como nós, verão nele um retrato da sua própria História.

Termino citando a autora do livro nas palavras de incentivo escritas no início da obra:

Cabe-nos a nós, todos os que aqui estamos, em presença, em pensamento ou em memória, o privilégio de comemorar os 100 anos da Recreio dos Pastores, juntando os nossos votos de longa vida àqueles jovens pastores que há um século atrás, cheios de entusiasmo e de boa vontade, iniciaram, com aplauso geral, os primeiros acordes da sua e agora nossa Filarmónica.

José António Bernardo Maciel

apresentação da obra *A Filarmónica Recreio dos Pastores – um percurso de sons e de memórias*, de Maria de Jesus Maciel, em São João das Lajes do Pico, 22 de Junho de 2007

Nota: título e sub-títulos da responsabilidade da Redacção.



A MOLDURA

Apresentar o novo livro de Conceição Maciel *A Moldura* é, ao mesmo tempo, uma surpresa e um prazer.

Surpresa por ser escolhida. Tanto mais que o livro tem prefácio do professor Urbano Bettencourt que, com a subtileza de poeta e o gosto das palavras, contextualizou e desvendou os seus mistérios mais ocultos.

Por outro lado, os livros da autora não precisam de apresentação. Apresentam-se por si próprios. A sua escrita multifacetada é há muito conhecida, desdobrando-se em géneros diferentes que vão da poesia à prosa ora destinados às crianças ora aos jovens e aos adultos.

Publicou o livro de poemas *Maregeia*, (1999) e, no domínio da narrativa, *A Uva Mágica* (1999), *A Ilha Mágica* (2000) e *O Casaco de Baeta* (2001).

Colaborou em festivais infantis, em jornais e revistas, e na rádio, nas Manhãs de Sábado, com o poema *Ilha de Desejo*.

Continua a escrever, e entre os inéditos que, com o tempo hão-de ficar conhecidos, figura *A Casa dos Mistérios*. Em preparação e a publicar brevemente *O Silêncio das Margens*.

Se a escolha foi surpresa, a escrita de Conceição Maciel, mesmo que pudesse dar a sensação de que aparecia

quase de rompante, nunca para mim constituiu surpresa.

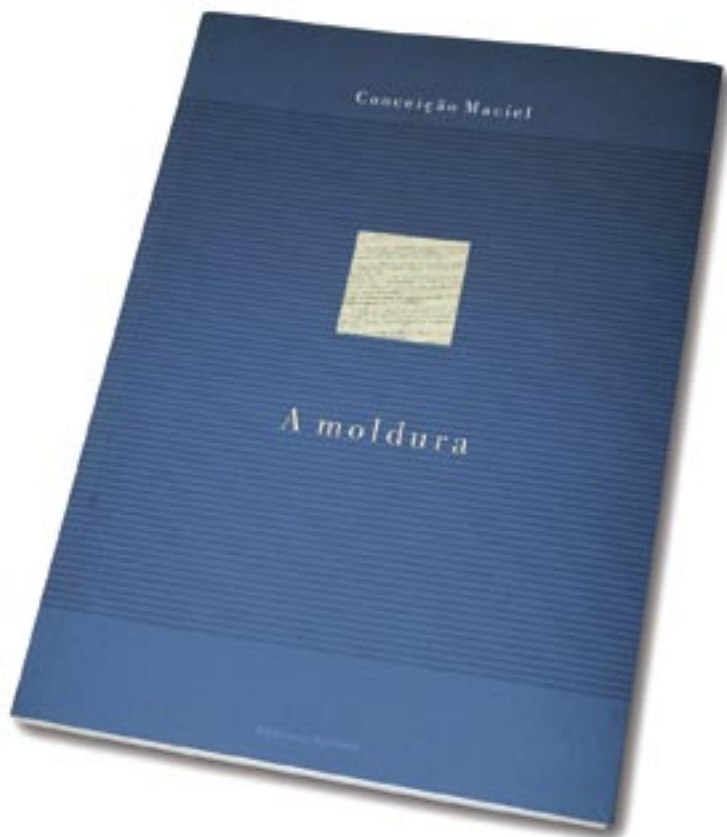
Companheiras de infância, percorremos os mesmos caminhos de escola, de festas e de fé. Recebemos a mesma herança familiar de afectos e sonhos. E a amizade de infância iria ficar, apesar da distância que nos separaria no futuro ainda por viver. Já naquela época, sempre me chamou a atenção o seu olhar profundo, atento, o sorriso doce com que observava e guardava no seu interior o mundo que corria à sua volta. E via-se que o fazia com gosto, com afecto, com alma.

E assim se compreende que seja com prazer que hoje falo do seu novo livro *A Moldura*. Apenas como leitora, não como crítica literária, Sei que navego nas ondas de uma simples interpretação que à partida poderá estar longe das muitas propostas contidas no livro. Mas corro o risco.

Ao lê-lo, sentimo-nos logo parte integrante, com um lugar muito próprio, que nos faz viver e reviver espaços e tempos, sonhos e realidades, transformações e perdas.

A Moldura tem, como pretexto, o achado de uma carta antiga, uma carta de amor, datada de Junho de 1888. A partir dela, a autora, numa emoção sentida, vai tecendo uma história de sonhos e solidões, mas sempre acompanhada pela esperança e pela expectativa de novos sonhos que dêem continuidade e sentido à vida.

A história situa-se num espaço que, mesmo não nomeado, nos remete, pela maneira como o emoldura, para o mundo da sua infância, no sul do Pico, mais concretamente, S. João: “os mistérios, ainda cinzentos, começavam a emprenhar de verdura numa gravidez que só o tempo tornará visível. A Montanha é digna de tudo. Tudo lhe per-



tence, até do nosso olhar.” (p. 35) Refere ainda uma ida à vila, naturalmente as Lajes: “Começaram a descer para a vila no momento exacto em que o sol acendeu o céu de um furta-cores luminoso que se espalhou pelo mar. Um faço de luz acendeu a ponta do Pico e, lentamente foi descendo a montanha, doirando tudo. Era uma festa de cores, um espanto para os olhos.” (p. 32)

A acção do livro, rico de vivências, desenrola-se próximo de nós, nos fi-



nais dos séculos XIX e XX. Nela se cruzam histórias de personagens que vivem pensando que estão a sonhar, que fogem ao sonho e à vida que se distinguem pelos percursos singulares, representativos de um povo e da sua memória.

A primeira que nos surge é a de Manuel da Silveira.

No regresso à ilha, espera-o a casa fechada, a mulher e as filhas mortas. Ele que embarcara por elas, pelo escuro e calada da noite, de salto numa baleeira, sente vivamente as contradições de que é feito o destino.

Vê a vida desfeita. A sensação estranha de não ter para quem viver. Só lhe restam recordações.

Os pertences da mulher, Maria, guardados num baú. A carta que ela lhe escreveu, e nela deixara a sua ternura e o seu amor.

Sem rumo, olha, numa solidão limitada, a imagem da Senhora da Piedade exposta num quadro, e tem a doce consolação de uma resposta. Abre então a moldura e, em segredo, guarda no seu

interior oculto as cartas de Maria, sepultando-as, e com elas, a sua memória e a das filhas.

Teresa Tomásia é outra personagem marcante, e de maior complexidade. Era uma mulher a quem a vida não tinha poupado sofrimento. Perdeu o marido na caça à baleia e o filho que esperava, dois anos depois, numa epidemia. Quando ele morreu, não houve forças humanas que calassem o seu pranto. Mas contra todas as expectativas não desistiu. Aceitou tudo com fé, resignação e paciência que nos faz lembrar as figuras bíblicas narradas no Livro de Job e de Habacuc.

A partir de então passou a viver para os outros. Meninos ainda, como o seu Francisquinho. Jovens enamorados a quem favorecia encontros. Moribundos que assistia. E tudo com gosto e amor até que um dia, cansada de tantos trabalhos e sofrimentos, foi ao mar e não voltou.

A Doidinha da Canada do Mar é mais uma das personagens que, na sua própria terra, é tida como intrusa. Não tem nome, nem idade, nem família. Nunca teve no meio uma relação de pertença como João de Maria Inácia ou outros. Uma mulher sem rosto nem tempo, que andou sempre em desencontro com a realidade, que não soube viver o seu sonho.

Cândida Perpétua é outra figura, desenquadrada da moldura social, cuspidora fora, procurada e escorraçada. Outra ainda é a do endireita, Tomé de Abreu que simples e generoso utiliza as suas hábeis mãos ao serviço de quem precisa, num mundo carenciado e longe dos benefícios da ciência.

É em torno da vida destas personagens e das relações que entre elas se vão tecendo, que a autora vai construindo A Moldura, numa conversa com Deus, numa escrita meditação que cria com mestria e que nos remete ora para Camões, Camilo, Eça e Pessoa, ora para a linguagem popular corrente da época, elevando-a ao mesmo patamar, como podemos ver com frequência no uso de expressões: “uma mulher recatada e bem-falante”; “estava muito malzinha”; “o anjinho começou a piorar,” “não tinha precisão disso”.

Simultaneamente e através de um processo maravilhoso que a imagina-

ção permite, endoidece o tempo e projecta-o cem anos depois, articulando o ontem e o hoje, alternando o real e o imaginado, numa simbiose perfeita de sonhos e de modos de vida.

É Manuel da Silveira que volta a ter tempo para se abrir de novo ao amor, e tem o tino de prever as mudanças que se iriam verificar na caça à baleia, tirar proveito delas sem as matar, como hoje acontece.

É Teresa Tomásia que, feita lenda, atravessa gerações. E que por magia ou privilégio, volta, e não quer crer na outra ilha em que o Pico se tornara. A mudança das coisas! Tantas que, embora ela quisesse, não lhe saberia dar préstimo.

Mas o que verdadeiramente a espanta é a mudança das pessoas: “Ninguém parecia respeitar ninguém”... “todos pareciam ter o rei na barriga”...

E os nomes das pessoas! Ela, Teresa Tomásia, que fora amiga de Maria, de Rosa da Encarnação e de Umbelina da Conceição, logo a primeira que encontra diz chamar-se Cátia.

E o comportamento das crianças que riem e fogem dela!

Apenas um menino se aproxima. Mas quando a mãe chama e como não quer ir “disse com todas as letras que não ia, tratando a mãe por tu, como se fosse da mesma idade.

– Quem é aquela senhora? – Perguntou a velha.

É minha mãe.

– Tua mãe! E tu tratas tua mãe por tu? Um menino assim bonzinho como tu... Às mães diz-se é Sim senhora, não senhora, com respeito... obedece-se. A tua mãe chamou, tu vais, entendes, meu amor...

Sim senhora – repetiu o menino e achou graça.

Mas ninguém faz isso.

Ninguém faz isso!? No meu tempo fazia-se. E tu agora vais ter com a tua mãe e quando ela te der licença vens então conversar comigo.

– Eu venho quando quiser, a minha mãe não manda em mim.

– Não manda em ti? Então quem é que manda?

– Ninguém.

– Ninguém?

– Sim, Ninguém. Quem manda em mim sou eu.” (p. 62)



Também estranha – quando se começa a dar valor ao que é antigo, quando se recriam trajes – que considerem a sua figura e o seu xaile preto em bico desajustados. Hoje, quando se fazem grupos folclóricos, e se estudam genealogias! E pergunta: Será o mais importante? Será suficiente? E as regras do bom viver? E os valores?

Estranha, mas não cede perante o caos, que a crise de valores não é coisa de agora. E quando quer, o homem sabe encontrar soluções.

Ao escrever *A Moldura*, livro rico e denso, sobretudo pelas vivências dos protagonistas e pela mensagem que nos vão deixando, Conceição Maciel leva-nos a meditar sobre o ontem e o hoje e as transformações profundas que o tempo acarreta. A interrogar-nos continuamente sobre a vivência do homem ao longo do tempo. O homem que descobriu e explorou a terra e o espaço, que tanto construiu, e continua a não saber de si próprio. O homem que, sem tino, procura fora de si respostas para o que se passa no seu interior.

Fala-nos de segredos que se não contam e se guardam emoldurados,

nas profundezas do nosso ser, onde ainda há muitos mistérios por desvendar, muitas respostas por dar, muitas perguntas por fazer. Mas não só. Abrenos o grande livro da natureza, a casa mãe de todos: a água, que se não deixa escavar, mas se deixa penetrar, que lava e mata todas as sedes, – a montanha, “a magia feita pedra, barco, vela erguida, seta apontada ao infinito” (p. 74), – “a ilha sempre bela, sempre misteriosa, sempre moça, sempre noiva, sempre embalada pelo mar” (p. 36).

Em destaque, coloca a força e a imortalidade do amor. Assim como as cartas de Maria, não se reduziram a pó, porque eram amor, a figura de Teresa Tomásia ficará para sempre como a protagonista do amor, porque é através do amor, “a única coisa que não envelhece com o tempo”, “que tudo se salva e se torna eterno”. (p. 69)

A Moldura, que no seu início é pretexto para a história, ficará não somente como a moldura de um quadro que casualmente se encontra, por maior significado que tenha a mensagem nele contida. Ao longo das histórias que se cruzam, vai ser simbolicamente am-

pliada, num quadro tão grande quanto a vida e a memória de um povo.

Um quadro que se expõe para mostrar o interior de cada um, que é, ao mesmo tempo, o retrato de nós todos, “daquilo que fomos e somos e continuaremos a ser, nesta nossa busca de eternidade” (p. 99), em diálogo com Deus, que afinal, como dizia o poeta, é a grande ogiva acima de tudo.

Uma moldura de sonhos e mistério que Conceição Maciel deixa suspensa nas paredes do tempo, numa escrita de afectos e valores, de serenidade de alma e de vida.

Maria de Jesus Maciel

apresentação de *A Moldura*, de Conceição Maciel

Edição: Município das Lajes do Pico, n.º 2 da Biblioteca Açoriana, colecção dirigida por Urbano Bettencourt e Carlos Alberto Machado, 2007, 100 páginas.

DEMOGRAFIA HISTÓRICA

NORBERTA AMORIM

Natural do Pico, da freguesia de S. João – quem mais poderia escrever estes livros em jeito tão apaixonado! – Norberta Amorim fez os seus estudos liceais na Horta onde completou igualmente o curso do Magistério.

Licenciou-se em História pela Universidade do Porto, doutorando-se na Universidade do Minho com uma dissertação sobre a demografia de Guimarães entre 1580 e 1819.

Entre a numerosa bibliografia conta-se o trabalho pioneiro Uma metodologia de reconstituição de paróquias, com uma inovadora abordagem na área da demografia histórica, que a comunidade científica já acolheu e adoptou. No seu vasto percurso académico, conta-se a presidência da Associação Ibérica de Demografia Histórica a que continua ligada. Professora catedrática da Universidade do Minho, apesar de aposentada continua a investigar de forma incansável na sua área de eleição, dedicando a este projecto do Pico um carinho muito especial, a que juntou recentemente outro projecto relativo à ilha do Faial numa linha de orientação idêntica. No meio destas tarefas, ainda lhe resta tempo para se empenhar afincadamente na dinamização da Associação de Defesa do Património Alvião que ajudou a criar na sua freguesia natal de São João.



AS FAMÍLIAS DAS LAJES

E falemos agora sobre a obra que hoje aqui se divulga. Em primeiro lugar, como os três primeiros volumes não terão chegado ao conhecimento de muitos dos presentes, convirá situar o projecto a que este quarto volume dá continuidade.

A partir de uma ideia nascida do desejo do engenheiro Cláudio Lopes, então Presidente da Câmara Municipal das Lajes, para uma obra mais restrita e de âmbito concelhio, a Professora Norberta Amorim concebeu um projecto talhado à dimensão da própria ilha e ao qual os restantes presidentes dos municípios da ilha logo aderiram. Em boa hora.

Assim, está em curso, ao ritmo de um volume por ano, uma obra a todos os títulos notável, que nesta fase e para os quatro volumes já editados, contem-

pla as Famílias do Pico, num horizonte temporal que, até agora, tem incidido sobre um dado momento histórico do século XIX. A autora, como que surpreende a comunidade que analisa num exacto momento da sua existência, partindo do seu conhecimento para elaborar uma análise que a variedade e cruzamento das fontes utilizadas permite enriquecer.

São João, Santo Amaro, São Caetano e, agora, a Vila das Lajes, são as áreas até agora contempladas neste roteiro histórico que percorrerá todos os lugares, freguesias e vilas da ilha do Pico.

Na nota prévia inscrita no Tomo I do Volume I desta série, Norberta Amorim afirmou que o projecto a que meteu ombros é "...aberto, abrangente e ambicioso...", pretendendo desenvolvê-lo pela via de participação de "...

olhares especializados...”. Quer isto dizer, que embora o programa editorial vá prosseguir na mesma linha temática para outras localidades, está pensada, na medida do possível e tanto quanto as fontes o permitam, a elaboração de trabalhos envolvendo temas como a história (para além da componente da demografia), as áreas da sociologia e antropologia, a geologia e a biologia, a economia e a cultura.

Será importante dizer – pois a simples alusão ao título pode suscitar o equívoco – que esta não é mais uma obra fixando genealogias tecidas na tarefa paciente de rebuscar infindá-

veis amontoados de paroquiais; o que aqui está é história, numa escrita que se deve a uma historiadora (e a uma historiadora talentosa e prestigiada), na abordagem especializada da demografia histórica. Quero sublinhar, que sendo importante para esta obra a pesquisa genealógica, ela vai muito mais longe. Perdoem-me o atrevimento, mas enquanto o trabalho de pesquisa genealógica, basicamente, identifica pessoas no seu encadernamento social mais primário, Norberta Amorim “ressuscita” comunidades; identifica pessoas, mas anima-as; dá-lhes alma; vivem no seu espaço con-



creto e cuidam da sua subsistência; fazem crescer o seu património; não morrem apenas, mas deixam um legado. Aliás, e referia-se então e apenas a S. João, mas podemos generalizar, é Norberta Amorim quem nos diz: “Mas o que estou mais preparada para fazer é interrogar os muitos documentos escritos que sobrevivem sobre a nossa freguesia”, acrescentando depois, com a humildade própria das pessoas sábias, que daria conta “das interpretações que faço desses documentos, aguardando que a experiência de muitos venha corrigir ou completar o que escrevo”.

Ao reflectir nas considerações que aqui devia deixar-vos, e a este propósito, ocorreu-me o pensamento de Michelet – referência incontornável da historiografia do século XIX – quando mergulhou no mundo fantástico dos

arquivos de França que lhe cabia acautelar.

Dizia: “No silêncio aparente daquelas galerias, um movimento, um murmúrio que não era de morte. Aqueles papéis não são papéis mas vidas de homens, de províncias, de povos...”

Todos viviam e falavam, e rodeavam-me dum exército de cem línguas...”

O trabalho de Norberta Amorim é, sem dúvida alguma estimulado por este sopro inspirador. Nestas páginas a nossa gente vive e respira. É por isso que me referi a esta obra – e agora acrescentarei que a expressão é moderada – como “emocionante”. É-o de facto, por que também nos identificamos com essa gente que surge com um rosto; que tem uma casa concreta e que vive numa dada rua ou canada, ostentando nomes ancestrais de exótica sonoridade, quase poética e que

hoje persistem no quotidiano sem estranheza. Ao referir-se ao Padre Neves, natural de Santo Amaro, e à informação que lhe facultou, informa-nos que percorreu a freguesia desde o Cabo das Casas às Terras Limpas. E agora, a propósito das Lajes, leva-nos a lugares e sítios como a Canada da Granja, à Rocha do Arrife, à Terra da Chadinha, à Rua do Saco, à Rua da Bisca e à Mouraria...

Este discurso histórico é possível, porque Norberta Amorim, como já se viu, não se deixou seduzir apenas pelos paroquiais procedendo à sua leitura estática; para ela valem todos os testemunhos, e nos róis de confessados, nas listas de habitantes, nas matrizes prediais, nos registos de passaportes ou nos livros das confrarias, vai buscar alimento e substância para forjar mais elaboradamente a sua composição, na



qual se exprime mais claramente o sentido da existência das pessoas concretas que animam as suas páginas e isto, como ela própria afirma, “ numa via de análise social no tempo longo”.

Como os demais volumes, o que agora trata das Famílias das Lajes, depois de uma esclarecedora Introdução, oferece-nos uma 1ª Parte que nos situa no espaço físico da área urbana da vila das Lajes, caracterizando em traços largos o seu comportamento demográfico e observando depois a sociedade da época, nomeadamente a sua estratificação onde avultam as figuras da Vila Fidalga. Numa 2ª Parte mostra o percurso das famílias residentes, identificando-as na totalidade dos seus membros e o seu percurso de vida e retratando o seu património e rendimentos. E isto numa peregrinação feita de minúcia, casa a casa, rua a rua, canada a cana-

da...A este acervo extraordinário, a autora junta um conteúdo iconográfico interessante, completando o trabalho de índices da maior utilidade para uma fácil consulta do trabalho, sem esquecer uma bibliografia que habilita ao conhecimento de recursos técnicos de apoio.

E acho que é tempo de terminar.

A propósito de alguém que também escreveu apaixonadamente sobre o Pico e a sua gente, entendi então exprimir-me nestes termos:

“...senti como ninguém, de uma forma quase íntima, a memória longínqua de quantos habitaram o casaria negro de sumário conforto, encosta acima, onde homens de mãos calosas, ao fim de um longo dia de ‘rapar vinha’, aflagavam esposas e filhos que povoaram a Terra do Pico e perpetuaram no tempo a aventura de manter vivos os bachelos e erguidos os muros protectores...”.

Hoje, e porque o meu limitado jeito não permite recriar melhor maneira de prestar à Professora Norberta Amorim homenagem mais expressiva pelo seu trabalho, ficam aquelas mesmas palavras para significar o que penso à vista desta obra, que ao fim de quatro volumes, pode ser já designada, com toda a propriedade, uma obra monumental.

Ricardo Manuel Madruga da Costa

apresentação do livro de Norberta Amorim, O Pico. A abordagem de uma ilha. Vol. IV – As Famílias das Lajes, 1ª Parte, nos finais do século XIX, Lajes do Pico, Câmara Municipal das Lajes do Pico, 2007, 454 páginas

Nota: título e sub-títulos da responsabilidade da Redacção.



1 A PRESIDENTE

Prémios há muitos, mas poucos são os de ter a visita de D. Sara Santos, Presidente da Câmara Municipal de Lajes do Pico, e de seu Marido Carlos Alberto, escritor e professor de Teatro, junto a um leito do Centro de Saúde, onde fui estabilizado de fraqueza cardíaca intensificada por edema, o que levou o médico e o enfermeiro – Dr. Ivo Soares e Manuel José Peixoto, então na urgência – a duvidar (por quanto tempo?) de que arribaria do “ir-me” por extremo esforço físico ou cansaço após três viagens ao Hospital da Horta (camioneta, lancha, táxi, cirurgia ambulatória duas vezes adiada e o mesmo de regresso... numa semana!).

Foi visita tão simpática que jamais a esquecerei. Foi uma daquelas visitas que tomam assento no espírito como desejo invencível de voltar ao Café do Edmundo, onde pela primeira vez nos cumprimentámos e desajeitadamente lhes falei de uns alinhavos para o Boletim Municipal. Desta seria para um ajeitado



Tríptico

por João Brum

agradecimento. É sem dúvida um casal atraente, desempoeirado, e estou certo de que o autor de “Estórias de Serão” não se ofenderá se superlativar a feminilidade de sua esposa.

As enfermarias e o modo de as manter, dos médicos aos enfermeiros e auxiliares, dos que nos animam a quem nos lava e muda as roupas, são-me familiares já desde a Califórnia, onde o primeiro solavanco cardíaco foi observado. Só na quinta vez tive visitas de honra, para além do sacerdote. Agora, a excepção foi feita e conservá-la-ei como prenda inesquecível.

2 HUMILDADE

Opiniões são opiniões, mas na minha a qualidade ou virtude que mais ressalta num homem ou numa mulher é a humildade, tanto mais quanto a ela se alia o bem-querer e bem-fazer. Sem ofensa para quem quer que seja, os meus olhos miram o nosso Museu Baleeiro e as capacíssimas pessoas que preservam o seu “simbolismo” heróico e histórico. Só um nome vou salientar desta feita, mas nele vejo e superlativo quantos e quantas no Museu funcionam.

Esse nome, D. Teresa Proença, sintetiza o título e o seu mais lato alcance. Ao fim de quase sete décadas estou para ver bem-querer e bem-fazer mais extensos e incansáveis do que os seus. Muitas vezes visitou-me no Hospital e seu sorriso foi, como sempre é, taça de bónus inestimável. Aliás, vejo-a a desdobrar-se em contributo cívico e religioso. Mas é como ela é, sem alarde.

Não estou autorizado a mencionar o quanto me ajudou ao computador, só que nada me coíbe de louvar a sua humildade. Sem turibulá-la, porém, como é seu desejo, ao Dr. Manuel Costa, seu director, estendo a mão pelo dom pessoal que com ele trabalha.

3 D. HELENA BARRETO

Vem-me logo à mente o dito de minha falecida mãe: sem uma boa mulher o homem é um triste. O remoque evidentemente que não cabe ao Dr. Manuel Costa e a sua digníssima Esposa, mas decerto que realça e superlativa as qualidades com que ambos honram a nossa Vila. Nessa honra é restaurada e cimentada a fidalguia que poderíamos gabar-nos de possuir rua após rua, canto após canto, a contar a heroicidade e tradições desta primeira povoação da ilha – a Vila das Lajes do Pico.

Uma sociedade, sabemo-lo, é, deve ser erguida em solo firme, na rocha que erege homem e mulher com solidez, rocha essa que é a própria pessoa de carácter e continuidade, camada após camada, sedimentariamente. Em pessoas como as em foco a sociedade soergue-se e expande-se.

Esta Senhora, sempre atarefada mas sem que as tarefas lhe roubem o sorriso e uma palavra de ânimo, palavra essa que é mais saudável que as dos psicólogos, levou-me diariamente à enfermaria a prescrição humana que os médicos não receitam. Claro que a tomava como tónico, não como pílula. É bom ser bom, não é? Por isso se diz que os últimos são os primeiros.

Nota – Este tríptico foi escrito há meses, calculo que em Março do ano transacto. Caiu-me escondido num palho de notas e escritos. Há uns dias atrás, escarafunchando aqui e além, descobri-o. Não me parece que tenha deixado de ser um acto de justiça. Continua a ser um jorro de gratidão há muito devida. Antes tarde do que nunca.

JB

CÂMARA MUNICIPAL

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 679 700
TM: 916 635 223 / 969 832 180
Fax: 292 679 710
E-mail:
geral@municipio-lajes-do-pico.pt

POSTO DE TURISMO

Forte de Santa Catarina
Tel: 292 679 320

JUNTAS DE FREGUESIA

Junta de Freguesia da Ribeirinha
Largo da Igreja, Ribeirinha
Tel: 292 666 648
Fax: 292 666 648

Junta de Freguesia da Piedade

Calhau, 5-A, Piedade
Tel e fax: 292 666 151

Junta de Freguesia da Calheta de Nesquim

Terreiro, Calheta de Nesquim
Tel e fax: 292 666 122

Junta de Freguesia das Ribeiras

Largo da Igreja, Santa Bárbara
Tel: 292 672 051

Junta de Freguesia das Lajes do Pico

Rua Capitão-mor Garcia
Gonçalves Madruga
Lajes do Pico
Tel e fax: 292 672 175

Junta de Freguesia de São João

Estrada Regional,
Companhia de Baixo, São João
Tel e fax: 292 673 250

SEGURANÇA E BOMBEIROS**Polícia de Segurança Pública**

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 672 410

Protecção Civil

Tel: 292 679 300

Bombeiros Voluntários das Lajes do Pico

Estrada Regional
Lajes do Pico
Tel: 292 679 300
Fax: 292 679 895

SERVIÇOS DE UTILIDADE PÚBLICA**Cartório Notário e Conservatória do Registo Civil**

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 672 335
Fax: 292 672 084

Repartição das Finanças

Rua de São Francisco
Lajes do Pico
Tel: 292 672 352

Hospital / Centro de Saúde

Largo Edmundo Machado Ávila
Lajes do Pico
Tel: 292 679 400
Fax: 295 412 563

CTT – Estação das Lajes do Pico

Largo General Lacerda
Machado, n.º 2
Lajes do Pico
Tel: 292 679 590
Fax: 292 679 596

Farmácia Lajense

Rua Padre Manuel José Lopes
Lajes do Pico
Tel: 292 672 408

TÁXIS**Ana Santos Cardoso**

Tel: 292 672 265

Fernando Cardoso

TM: 919 535 390

Gabriel Melo

TM: 918 704 080

Humberta Maria Lucas

TM: 919 535 358

José Pereira da Silva

TM: 969 370 543

Luciana Bettencourt

TM: 916 405 515

Luís Filipe Cedros Alemão

TM: 919 919 284

Manuel Garcia da Silva

Tel: 292 678 337

Maria de Fátima Neves

TM: 964 863 778

Rosa Cardoso Bettencourt

TM: 919 535 362

Rui Bettencourt

TM: 919 535 363

Urbano Cardoso

TM: 964 863 751

Outras informações em www.municipio-lajes-do-pico.pt

Se pretende começar a receber gratuitamente o Boletim Municipal das Lajes do Pico, assim como outras informações acerca do Município, preencha e recorte este cupão e envie para:

Boletim Municipal das Lajes do Pico**Município das Lajes do Pico**

Convento de S. Francisco
9930-135 LAJES DO PICO

nome

morada

código postal

e-mail



CENTRO DE ARTES E DE CIÊNCIAS DO MAR

ANTIGA FÁBRICA DA BALEIA - SIBIL

O Centro está instalado na antiga fábrica da baleia SIBIL, equipamento industrial que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas. Foi desactivada no início nos anos 80 do século XX. Entre 2005 e 2007 o edifício da SIBIL foi recuperado pelo Município das Lajes do Pico.

Na actual fase do Centro pode ver-se em permanência os equipamentos fabris e exposições multimédia sobre a fábrica e a biologia e ecologia dos grandes cetáceos. O Centro promove também eventos artísticos e culturais diversos e animação pedagógica. Está aberto ao público diariamente, com Loja, Bar e espaço de lazer de ar livre.

Na segunda fase, será criado um *Núcleo de Ciências Marinhas*, vocacionado para a investigação aplicada, contando para isso com a participação científica da Universidade dos Açores.



CENTRO DE ARTES E DE CIÊNCIAS DO MAR
Rua do Castelo – 9930-138 LAJES DO PICO
Tel: 292 679 330/1/2/3/4/5/6/8/9
Fax: 292 679 337